

*Depois de Outubro:  
o Lukács protomarxista\**

Guido Oldrini\*\*

**Resumo:**

O texto discute a fase do pensamento lukacsiano compreendida entre o período que vai da *Revolução de 1917* até os anos finais da década de 20, o qual compreende o período de transição em que as reflexões do filósofo húngaro ainda se caracterizam por considerações circunscritas a um voluntarismo no campo da política e um modo idealisticamente distorcido de observar a sociedade, até a ruptura definitiva com o que o autor denomina “protomarxismo” de Lukács.

**Palavras-chave:**

Lukács; *História e Consciência de Classe*; marxismo.

*After October:  
The Lukács protomarxist*

**Abstract:**

The text discusses the stage of thinking lukacsiano between the period of the *Revolution of 1917* to the final years of the 20s, which covers the period of transition in which the reflections of the Hungarian philosopher still characterized by circumscribed to a voluntarism considerations in field of politics and idealistically distorted way of viewing society, until the final break with what the author calls “protomarxism” Lukacs.

**Key words:**

Lukács; *History and Class Consciousness*; Marxism.

---

\* Publicado originalmente em Oldrini, (2009, pp. 91-126). Tradução do italiano de Ronaldo Vielmi Fortes.

\*\* Professor da Universidade de Bolonha.

A crise provocada pela guerra mundial coloca fim a uma época. Sociedade e cultura se encontram desorganizadas. Na sociedade se abrem fraturas insanáveis entre ideologias de classe; na cultura mudam de cima abaixo as coordenadas e parâmetros de juízo. Para Lukács, termina aquela fase do seu aprendizado desenvolvida a reboque da cultura da Europa central da idade do imperialismo e começa um caminho inteiramente novo, destinado, com mil reviravoltas, a marcá-lo e acompanhá-lo para o resto da vida. Acerca do variado intrincado de questões, de fato nada fácil de desembaraçar, que nesse momento o está conduzindo e que envolve toda sua pessoa, vou me limitar, na sequência, a um quadro sintético do conjunto, selecionando-as desse meio apenas quando resultarem essenciais para o entendimento de como ele vive o precipitar da crise e como pessoalmente a enfrenta e a resolve. Infelizmente, escassa ajuda nesta empreitada vem da literatura crítica, em que, salvo exceções, repete-se *mutatis mutandis* a mesma postura de hipercelebração do novo curso ao longo do qual Lukács começa a experiência com o período anterior. Tomando como base as considerações elogiosas e as mais entusiásticas aprovações (com o reflexo deformante que logo veremos), é o seu protomarxismo apresentado não como uma reviravolta, mas como uma etapa logicamente derivável das premissas dos ensaios juvenis: o que dá lugar – podemos dizer com o próprio Lukács do *Vorwort* composto para a tardia reedição da *Teoria do Romance* – a “uma situação um pouco grotesca”, de todo análoga àquela que irá produzir-se mais tarde, por ocasião do debate sobre expressionismo dos anos 30, quando Bloch se servirá propriamente da *Teoria do Romance* para polemizar contra um Lukács convertido ao comunismo e já tornado completamente marxista.

## 1. A adesão/conversão de Lukács ao comunismo

“Conversão” é, na verdade, um termo capcioso, ambíguo, equívoco, na medida em que parece indicar um de repente, uma simples imediatidade. Na realidade, toda imediatidade aparece como tal apenas a quem observa de fora; o seu interior se mostra, em vez disso, como o efeito mediado de um processo. Ora, o processo que prepara, torna possível e provoca, no caso, a conversão de Lukács deriva da longa crise interior gerada principalmente nele, húngaro, como cidadão de uma nação sem independência, depois explode completamente com a catástrofe da guerra – este evento capital da história europeia, esta primeira grande cesura do seu aprendizado de homem e estudioso –, o faz compreender a natureza da incongruência e dos contrastes latentes na situação social. Enquanto quase todos os intelectuais alemães da época, de Simmel a Weber, como vimos, capitulam diante do chauvinismo bélico, o húngaro Lukács – na mesma trilha de Ady\*\* –, do sindicalista Ervin Szabó e de poucos outros compatriotas – alinha-se rapidamente contra a guerra. Recordará em sua última autobiografia:

Desde o primeiro instante eu estava do lado dos que a negavam (...). Minha pátria, a monarquia dos Habsburgos, aparecia-me – normalmente – como uma insensatez humana destinada à destruição. E agora devia-se empenhar a própria vida, participar do homicídio universal, para que esse obstáculo ao devir homem continuasse conservado pela ordem rigorosa, insipidamente rigorosa, do império alemão. Devíamos nos tornar individualmente assassinos, criminosos, vítimas etc. para, desse modo, preservar a existência disso. (LUKÁCS, 1981a, p. 255)<sup>2</sup>

Não se trata, para ele, de fato, apenas de um genérico pacifismo, como aquele de 1916, iniciado na Hungria, que uniu uma série de intelectuais influentes, como Babits, Jászi etc., criando, assim, o núcleo de um movimento antibélico; aquilo que deles distingue Lukács é a escolha internacional do campo. Em outro texto tardio, o prefácio de 1967 à coletânea de ensaios *Művészet és társadalom (Arte e Sociedade)*, ele mesmo, fazendo eco à *Teoria do Romance*, mas talvez também antecipando um pouco a concatenação efetiva das circunstâncias, relembra a situação com essas palavras:

A minha posição, à diferença daquela da maioria dos pacifistas, era contrária tanto às democracias ocidentais quanto às potências centrais. Eu via, à época, na guerra mundial a crise de toda a cultura europeia; considerava o presente, para dizê-lo com palavras de Fichte, *Zeitalter der vollendeten Sündhaftigkeit* [a era da completa culpabilidade]; considerava-o uma crise da civilização, da qual só se poderia sair por uma via revolucionária. Decerto, a minha visão do mundo ainda tinha um fundamento puramente idealista e, conseqüentemente, “a revolução”

---

\*\* [N.T.: Ao final do artigo, anexamos “notas biográficas” com as referências às personalidades menos conhecidas – em sua maioria, húngaras – citadas ao longo do texto.]

2 [N.T.: ed. bras.: LUKÁCS, 1999, p. 157]. Muito significativo seu estudo contemporâneo, surgido na metade de 1915, mas não terminado, em torno do “entusiasmo” crítico pela guerra por parte dos intelectuais alemães (LUKÁCS, 1973a, pp. 65-9).

seria puramente moral. (LUKÁCS, 1969b, p. 7)<sup>\*\*\*</sup>

Naturalmente, quem se interroga sobre a “conversão” de Lukács não pode deixar de observar com interesse aqueles aspectos do seu anticapitalismo romântico juvenil, que vai conduzindo Lukács cada vez mais a uma grande tensão ética, capaz de induzir a transformação das impaciências e insatisfações do passado em aberta rebelião. A fórmula *Linke Ethik zusammen mit rechter Erkenntnistheorie* caracteriza do modo mais conveniente, segundo Lukács, a sua própria posição à altura da *Teoria do Romance*, em que a “ética de esquerda” comporta já uma implícita osmose da ética com a política, um ativismo no sentido daquele “idealismo ético”, “dirigido à política” (propondo, assim, “a criação de tais instituições, que respondem o melhor possível ao ideal ético, e à eliminação de tais constituições, que contrastam a realização do “ideal”), que Lukács acena logo na sequência, discutindo uma intervenção de Fogarasi na Sociedade para a Ciência Social, com explícita referência a Fichte:

(Fichte foi o primeiro a exprimir esta opinião, com uma perfeição até aqui inigualada.) (...) Sobre esse plano, a consequência prática do célebre *um so chlimmer für die Tatsachen* [tanto pior para os fatos] é uma exigência sem trégua com respeito às instituições para que elas não obstaculizem a exigência essencial da ética, a *Würdigkeit* de Kant e Fichte (...). O idealismo ético é uma revolução permanente e, porque é revolução absoluta, é capaz de definir e de corrigir a orientação e a marcha do verdadeiro progresso, aquele que não alcança jamais um ponto de equilíbrio. (LUKÁCS, 1971, 181, pp. 183-5; ed. alemã: LUKÁCS, 1985a, pp. 250-3)<sup>4</sup>

Mas, por mais política que seja essa ética, por mais revolucionária que sejam os propósitos (“transformar o mundo”), permanece obviamente excluída do quadro uma profunda reflexão do seu fim, de fato tão antagônico em relação à teoria de Marx e ao marxismo. “Marxismo”, entretanto, significa coisa muito diversa uns dos outros. Uma coisa é a sugestão de certas teses marxistas, outra, o marxismo como teoria. Aquele tipo de marxismo que chega indiretamente às mãos do Lukács pré-bélico é ou o reflexo de um genérico anticapitalismo romântico, não distinto daquele circulante em parte da cultura da Europa central da época, ou o marxismo já acuradamente depurado, por meio do impacto revisionista, de todos os seus traços revolucionários (crítica da ideologia, luta de classe, dialética etc.), e assim, por exemplo, tornado congruente com a investigação da sociologia contemporânea. Podemos falar no máximo de enunciados episódicos, que, também no melhor dos casos (quando se lhes sublinha a importância), mantêm sempre uma fechada hostilidade de princípio em relação ao marxismo como teoria, identificado com a teoria da velha metafísica. Em uma carta da segunda metade de novembro de 1910 a Babits, Lukács protesta contra a resenha ao seu próprio livro sobre o drama moderno, publicada na revista húngara *Renascimento*, na qual sua posição em relação ao materialismo histórico (“muito complexa e difícil de descrever em termos compreensíveis”, escreve) vem simplificada a ponto de fazê-lo “passar por um seguidor de Marx” (LUKÁCS, 1982a, pp. 164-5; 1986, p. 173). Alguns anos depois, resenhando a edição alemã do volume de Benedetto Croce, *Teoria e História da Historiografia*, com o qual em tantos pontos concorda, diz:

O fato de que o materialismo histórico, o método sociológico até então mais significativo, seja quase sempre transformado em metafísica histórico-filosófica não deve fazer esquecer o valor, que faz época, do método sobre o qual esse se funda e de que, simplesmente, até hoje não ocorreu uma elaboração clara. Nisso que Marx chama o problema da ideologia está – naturalmente, espoliado da sua formação conceitual metafísica e metodologicamente retocado – o caminho que leva à solução do problema por mim aqui indicado: o conhecimento daquilo que realiza necessariamente em conteúdos concretos as posições, formalmente condicionadas, da própria axiomática, da ciência do espírito objetivo. (LUKÁCS, 1975b, p. 25; 1981b, p. 149)<sup>5</sup>

Não vai além disso. Uma vez que, de fato, para um pensador imerso, como ele, até o pescoço na ciência do espírito, é claro, o marxismo *qua talis* não pode encontrar espaço algum, a não ser negativamente (crítica ao seu caráter reducionista); nem o marxismo como teoria nem – tudo que ele acredita – a metodologia marxista, a dialética, pode desempenhar algum papel. Se alguma influência indireta chegou realmente a ele no texto sobre o drama, por meio das sugestões sociológicas da *Filosofia do Dinheiro* de Simmel, portanto incapaz de penetrar e desmascarar o fenômeno da reificação, o marxismo figura para ele, no máximo, como esse tipo de sociologia

<sup>\*\*\*</sup> [N.T.: ed. bras.: LUKÁCS, 2009, p. 24.]

<sup>4</sup> [N.T.: ed. bras. “Idealismo conservador e idealismo progressista”. In: LÖWY, 1979, pp. 301-2]. Torna-se oportuno, a propósito, uma consideração marginal. Nunca existiu um “fichtismo” em Lukács; as poucas, provisórias sugestões fichtianas por ele recebidas começam e findam aqui. Existem aqueles – sem fundamento – que pretenderam estender essa influência até *Historia e Consciência de Classe*, inclusive Kallscheuer (1987, pp. 588 ss), e aqueles que o fizeram de uma vez por todas o modelo do pensamento marxista de Lukács em geral, como Rockmore (1992; 1922, pp. 557-77; 1996, pp. 336-40), cujas fantasiosas excogitações desmontei e ridicularizei, ao mesmo tempo, sem cerimônias (OLDRINI, 1993, pp. 345-7).

<sup>5</sup> A resenha aparece originariamente em Lukács (1915, pp. 878-85, cit. à p. 884; ed. húngara: LUKÁCS, 1982b, pp. 624-34, cit. pp. 632-3).

imperfeita. (Quando Lukács afirma incidentalmente nas autobiografias já ter se avizinado de Marx antes da guerra, ainda que verdadeiro, não encontra reflexo efetivo em nenhum de seus trabalhos de então.) Apenas depois do *Outubro* soviético a questão do bolchevismo aparece também diante dele como uma luz, em unidade com aquela do marxismo como sua arma ideológica. Desde então não se oferecem mais subterfúgios, rotas de fuga ou tergiversações vacilantes; os eventos históricos pressionam fortemente também na pátria (proclamação da República sob a égide de Mihály Károlyi, retorno dos prisioneiros de guerra comunistas de Moscou, comandados por Béla Kun), urge, portanto, a escolha. A intelectualidade se acha como diante de uma encruzilhada, mas com o peso da alternativa quase obrigatória.

Não se deve esquecer: tudo isso acontecia (...) em meio a uma guerra mundial que havia arruinado todo o mundo burguês, junto com seus ideais, a imaginária segurança precedente ao 1914, uma guerra que constringia cada um a propor-se novamente o problema da sensatez ou da insensatez da própria vida privada (...). Para cada um de nós, cuja história alcançara esta encruzilhada, a pergunta se fazia pessoal, íntima: qual posição assumir, se a minha própria existência deve ter um sentido, nos confrontos com esta alternativa. (LUKÁCS, 1969a, pp. 150-1; ed. it.: 1968b, pp. 38-9)

Assim, depois de alguma perplexidade inicial, Lukács resolve vencer o impasse, não ainda por obra de um convencimento meditado, mas pela onda da estringência dos tempos: com aquela que parece uma decisão “improvisada”, tomada quase *malgré lui* e, no entanto, surpreendente para todos, tamanha a rapidez da transição (de “Saulo” a “Paulo”, na formulação um pouco estúpida de Anna Lesznai). Este seu cortar o nó górdio lembra uma anedota curiosa. Lukács teria ido, em companhia de Fogarasi, a um comício de propaganda comunista, realizado por László Rudas, ambos teriam logo se afastado cheios de desgosto, para retornar depois, arrependidos, sobre os próprios passos, em virtude da seguinte argumentação: no momento em que a escolha do comunismo precisava ser feita, melhor fazê-la de uma vez<sup>6</sup>. Na metade de dezembro de 1918 Lukács entra para o Partido Comunista húngaro, fundado menos de um mês antes.

É claro, porém, que esta superação prática *do impasse* deixa totalmente intocadas as questões teóricas. Os escritos de 1918-19<sup>7</sup> testemunham o quanto o biênio seria teoricamente um período de grande incerteza e confusão subjetiva para Lukács. Além do estado interior compreensível de desolação provocado pela escolha, além da ausência de uma adequada preparação ideológica, ele sente os efeitos da circunstância de que nele agiam conjuntamente tendências espirituais opostas, influxos ecléticos (do anarcossindicalismo de Szabó, da primeira estimulante leitura de Luxemburgo etc.) ou mal amalgamados ou, pior ainda, justapostos sem coordenação; e até o último momento lhe restam dúvidas não esclarecidas sobre importantes problemas como aqueles ético-políticos (*O Bolchevismo como Problema Moral*, 1918) e aqueles político-organizativos (relação entre *Partido* e *Classe*, 1919).

Na realidade, sob o plano teórico a “conversão” verdadeira de Lukács, a sua conversão ideológica radical – a única dentre tantas que aqui interessam –, não intervém senão quando, em virtude do recurso à filosofia da história como “critério decisivo da tática socialista”, ele encontra uma maneira de escapar do empréstimo da política por parte da ética. Do socialismo – argumenta em *Tática e Ética*, primeiro dos escritos acolhidos no volume homônimo de 1919 –, a filosofia da história indica como prospectiva o sentido:

O verdadeiro critério pode ser *exclusivamente* o estabelecer se o *modo* do agir em um caso determinado *serve* para realizar esse objetivo, ou seja, o sentido do movimento socialista, e assim (...) devem ser declarados bons todos os meios mediante os quais este processo de filosofia da história é despertado para a consciência e para realidade, e ruim ao contrário todos os meios que obscurecem essa consciência. (“Taktika és Ética” [1919], *in* LUKÁCS, 1987, p. 127; ed. al. *in* LUKÁCS, 1973c, p. 4; rest. *in* 1968a, p. 48; ed. it. *in* LUKÁCS, 1972, p. 7)

Certamente, para que a luta de classe não ceda a esquemas de conveniência, não se enfraqueça nos seus valores, não se deteriore ao nível de *Realpolitik*, deve manter sempre como modelo o “problema ético”, aquilo que se tem de fazer, no indivíduo singular, “com a consciência moral e a consciência da responsabilidade”. Mas não é verdadeiro que entre as duas coisas subsista oposição; ou, ao menos, não é verdadeiro que a estringência da ética torne a oposição insuperável.

6 O episódio, narrado pelo próprio protagonista a C. Cases (1983, pp. 17-8; rest. *in* CASES, 1985, p. 101), é referido por seu biógrafo (HERMANN, 1985, p. 78; KADARKAY, 1991, p. 201) sobre a base de um documento do Arquivo de PCU de Budapeste; por sua parte, Fogarasi explica “como me tornei comunista” (*Hogyan lettem 1918 november havában kommunist?*) em um manuscrito de seu *Nachlass* que se conserva, sempre em Budapeste, junto à Biblioteca da Academia húngara de ciência.

7 A sua coleção completa, com inéditos, está em Lukács (1987). Comparada com a cultura do biênio fornecida Kettler (1967, depois revisto e atualizado pela edição americana, com o título *Culture and Revolution: Lukács in the Hungarian Revolutions of 1918-19*, 1971, pp. 35-92), e Kőpeczi (1979, pp. 65-76, rest. *in* 1993, pp. 106-15). Estrutura e método da teoria política juvenil de Lukács a partir desta fase são reconstruções tão detalhadas que, daqui em diante, não é necessário me estender em muitos particulares; lembro apenas Kammler (1974) (sobre o qual, como sobre outros textos, cf. a resenha de STEIGERWALD, 1987, pp. 145-57).

De fato (...), se a ação do singular, determinada por motivos exclusivamente éticos, transborda para o domínio da política, a sua justeza ou erronia objetiva (do ponto de vista da filosofia da história) não pode ser indiferente nem mesmo em nível ético. (LUKÁCS, 1987, p. 129; ed. al. in LUKÁCS, 1973c, p. 7; rest. 1968a, p. 49; ed. it. in 1972, p. 10)

Agora, a superação das leis éticas ordinárias passa, para Lukács, por aquela teoria da “segunda ética”, que – sabemos – ele amadureceu nesse meio-tempo, amadurecendo, assim, conjuntamente, critérios de comportamento em acordo com a justificação histórico-filosófica da revolução socialista. Sintomática deste momento-chave do seu desenvolvimento a página com que o breve texto é concluído: “A autorreflexão ética”, escreve o autor (com reenvios a teses formuladas no romance *Das Fable Roß* de Boris Savinkov, chefe dos grupos terroristas durante a Revolução Russa de 1905), mostra-nos que “existem situações – trágicas situações – nas quais é impossível agir sem lançar sobre si uma culpa”. Por exemplo, segundo Savinkov:

matar não é permitido, é uma culpa incondicionada e imperdoável. Não é “permitido” fazê-lo, todavia, “deve” ser feito (...). Para exprimir este pensamento sobre a maior das tragédias humanas com a incomparável bela palavra da *Judith* de Hebbel: “E se Deus tivesse colocado o pecado entre mim e a ação que me foi imposta, quem sou eu para escapar a ela?” (LUKÁCS, 1987, p. 132; ed. al. 1973c, pp. 10-1; rest. in 1968a, pp. 52-3; ed. it. in 1972, p. 14)<sup>8</sup>

Só se entende justamente a “conversão” de Lukács dentro desse quadro problemático. São as consequências da crise revolucionária verdadeira, da reviravolta produzida pela Revolução de Outubro (não pela revolução “ética” da *Teoria do Romance*), que transforma *d’emblée* as cartas na mesa. Ao jovem Lukács antibelicista convicto, defensor das formas da “democracia ocidental” que “não estava preparado em absoluto – lembra em *Gelebtes Denken [Pensamento Vivido]* – para aceitar o parlamentarismo inglês como solução ideal” e, todavia, ainda incapaz de ver uma alternativa ao estado de coisas existente, o Outubro soviético aparece como um raio de luz, como uma revelação (que se vincula, retrospectivamente, sobre os temas da formação anterior: ética subversiva, Dostoievski etc.). Cito as próprias palavras da autobiografia:

a revolução de 1917 foi uma experiência tão significativa, pois lá de repente aparecia no horizonte que as coisas também poderiam ser diferentes. Qualquer que fosse a atitude que se tivesse em relação a esse “diferente”, esse “diferente” modificou a vida de todos nós, a vida de uma parte considerável da minha geração (LUKÁCS, 1981a, pp. 69-70; rest. p. 72; trad. pp. 53-4 [N.T.: ed. bras. p. 46]).

Propriamente nele, no plano pessoal, a Revolução demarca um ponto sem retorno. “A evolução para o comunismo – reconfirma a autobiografia – é a maior viragem, o maior resultado evolutivo de minha vida” (LUKÁCS, 1981a, p. 262; rest. p. 212; trad. pp. 214 [N.T.: ed. bras. p. 161]). Nasce nesse momento um novo homem. Nas escolhas, nas ideias, nos comportamentos, nos fatos, tudo nele se transforma. Transformando, também, as relações pessoais com amigos e companheiros de vida. Para citar apenas dois exemplos: as relações com Balázs têm praticamente termo imediatamente após a coletânea dos escritos no volume que, em 1918, Lukács publica em seu apoio (LUKÁCS, 1918, p. 121)<sup>9</sup>. Ativam-se e estreitam-se, ao contrário, por algum tempo, as relações com Jozséf Révai, um dos jovens adeptos do partido que, ao lado de Lukács, vem se cristalizando. Os eventos imediatamente sucessivos aumentam ainda mais as ocasiões de comprometimento no novo estado de coisas. Passados apenas alguns meses de seu ingresso no Partido, e como efeito a distância da Revolução de Outubro, a revolução húngara de 21 de março de 1919 instaura a República dos Conselhos, destinada a durar pouco mais de quatro meses e meio, até o 1º agosto. E de tal importante experiência (um intervalo certamente de breve duração, cortado pela raiz pela reação internacional, mas não por isso menos significativo) Lukács toma rapidamente parte muito ativa: é aceito no Comitê Central do Partido, nomeado membro do comitê de redação do seu órgão, o *Vörös Újság (Jornal Vermelho)*, e sobretudo desempenha a função de vice-comissário no Comissariado para a Educação Pública<sup>10</sup>, uma função da

8 O primeiro aparecimento do “problema Hebbel” se faz em Lukács com a carta a Paul Ernst, de Heidelberg, em 4 de maio de 1915, não por acaso perto do projeto Dostoievski, e em que – embora ainda apenas de maneira abstrata – se dedica a questões de dever do homem político, do revolucionário: “Aqui – para salvar a alma – deve ser sacrificada propriamente a alma: se deve tornar-se, movendo-se por uma ética mística, crua *Realpolitik*, e violar o preceito absoluto, que não é uma obrigação para a estruturação, o ‘não matar’. Mas no seu núcleo essencial último é um problema muito velho, que a Giuditta de Hebbel exprime nos termos mais precisos” (LUKÁCS, 1982a, p. 352; trad. p. 360). Cf. também Karádi (1997, pp. 130-1).

9 Amplas motivações tanto de sua afinidade naquele momento – plenamente reconhecidas também por Lukács no prefácio de seu livro – como de seu posterior distanciamento são oferecidos por Féher (1977, pp. 131-76); Lenkei (1982, pp. 66-86); Zsufra (1987, pp. 33 ss; 63-4; 67-8; 100; 141; 162; 285 ss e *passim*).

10 Cf. Lukács, “Autobiographie inédite” [1941?], no apêndice de sua coletânea de artigos *Littérature, philosophie, marxisme, 1922-1923* (1978, pp. 149-50) (infelizmente não publicada, como todas as outras intervenções em língua não alemã, no volume da *Werke* que



qual dependem, substancialmente, todas as decisões institucionais sobre a vida artística e cultural húngara. Grande parte da direção permanece, assim, na prática, nas mãos de Lukács.

Que ele ocupe posições de relevo durante o evento da República dos Conselhos demonstra bem o fato de que se põe de imediato a trabalhar e lança, por parte do organismo do qual é o preposto, um vasto plano de reforma, segundo as seguintes diretivas: 1) valer-se de todas as formas mais bem dispostas para lutar pela renovação em sentido progressista da vida cultural do país; 2) ater-se firmemente, em todo campo, do setor da escola àquele das bibliotecas, da literatura à música, a critérios rigorosos de competência.

Lukács mostra extraordinária capacidade de mobilização das forças intelectuais progressistas ali presentes. O seu é, dentre todos os comissariados, o único renovado de cima abaixo. Vêm, então, a fazer parte ou a colaborar com ele, a partir do exterior, notáveis personalidades progressistas da cultura e da arte, em primeira linha os membros do Círculo de domingo. Assim, Fogarasi, filósofo, torna-se o responsável pela seção para a escola superior; a direção da instrução elementar e secundária é assumida por professores já anteriormente destacados no movimento de luta para a reforma sindical; o grupo de trabalho reunido em torno do recém-falecido Szabó (homem de grande cultura, experimentado bibliófilo, diretor em 1911 da Biblioteca Central de Budapeste) provê com vantagem ao setor de bibliotecas; enquanto no campo das artes colaboram com os comunistas, mesmo quando pessoalmente não o são, os melhores homens, como o poeta e editor Andor Gábor, Balázs, Antal, Kernstok e seus simpatizantes. Clamoroso revezamento no setor da música, em que, com Ernó Dohnányi, encontram-se os nomes de maestros do calibre de Béla Bartók e Zoltán Kodály, e também no da literatura, no qual a participação se estende de colaboradores de *Nyugat* até aos jovens Lajos Kassák e Tibor Déry. Obtém, em suma, este grande resultado que, prescindindo da observância, ou menos, em alguns, da fé comunista, o melhor da cultura húngara em absoluto se põe a serviço da política cultural da República, da proclamada “ditadura do proletariado”. cuja liderança naturalmente se preserva – de maneira distinta ao desenho e à vontade de Lênin – de dar crisma “oficial” a qualquer corrente de pensamento ou a qualquer movimento artístico-cultural; até mesmo o próprio jeito pessoal de Lukács, ao contrário de Lênin, o faz calar ou o reprime, como acontece no caso do espaço por ele deixado à atividade do grupo Kassák e ao seu periódico, *Mas (Hoje)*, de orientação filoexpressionista:

O Comissariado para a Educação Pública – destaca ele, certa vez, em reação aos ataques sectários movidos contra sua política cultural – não pretende sustentar oficialmente a literatura de qualquer escola ou qualquer partido que seja. O programa cultural, comunica, distingue apenas entre a boa e a ruim literatura, e não está disposto a colocar à parte um Shakespeare ou um Goethe porque não são escritores socialistas. Mas não é, no entanto, pretendido deixar via livre ao diletantismo artístico sob o pretexto de que se trataria de arte socialista. A política cultural comunista consiste em fornecer ao proletariado a melhor arte e a mais pura, não permitindo que seu gosto seja corroído pela política de vértice, reduzida a ser nada mais que um instrumento político. A política é apenas o meio, a cultura, o fim.<sup>11</sup>

Não é, certamente, por acaso que Lênin saúda, de imediato, com entusiasmo a formação da República dos Conselhos em Hungria e fica subitamente impressionado com as medidas lá adotadas (LÊNIN, 1954-70, XXIX, pp. 353-7), chegando mesmo a admitir que, “no campo da organização, o proletariado húngaro (...) já ultrapassou” e “deu ao mundo um exemplo ainda melhor do que aquele da Rússia soviética”. Quanto a Lukács, não existe dúvida: o novo homem, o intelectual “convertido”, fornece ótima prova de si também como homem de governo. (Erros o governo os comete, sem mais, no campo das diretivas de política agrária, viciadas por um sectarismo um tanto quanto irrazoável e irrealista.) Mas, em espaços de tempo bem restritos, a ditadura do proletariado não possui modos para consolidar-se; antes mesmo que se vejam os efeitos, a reação a arrasta e a sufoca, instaurando o terror branco. Com outros compatriotas militantes da revolução, Lukács encontra refúgio em Viena.

---

acolhe seus *Autobiographische Texte*).

11 Lukács, “Felvilágosításul” (“Especificações”) (1919, rest. in 1987, pp. 105-6), que aqui traduzo da citação que faz Köpeczi (1993, p. 112); na versão francesa do volume *La République des Conseils. Budapest 1919*, com prefácio de J. Gaucheron (1979, pp. 155-6), essa é reportada junto com outra intervenção propagandística de Lukács, “La Prise de Possession Effective de la Culture”, por *Fáklya*, 20 de abril de 1919 (1979, pp. 24-6). Sobre o tema específico “Cultura e República dos Conselhos”, cf. também, de Lukács, as duas entrevistas de 1969 ao periódico *Társadalmi Szemle* (maio) e, para a televisão húngara, registrada por Kovács (depois em *Kritika*, 1972, n. 5), traduzida respectivamente em Lukács (1970a, pp. 105-12) e em Lukács (1973b, p. 67). Não falta, naturalmente, nem nesta circunstância, quem tem a impertinência de passar por uma linha de política cultural para “uso do terror na literatura e nas artes” (TÖKES, 1967, p. 179).

## 2. O exílio em Viena: o marxismo de História e Consciência de Classe

Viena não é Heidelberg. Lukács não respira a mesma atmosfera, não experimenta a mesma vitalidade, ainda que figuras de prestígio transitem por ali (entre 1923 e 1924 ali também se aloja, por alguns meses, Gramsci). Prescindindo da divergência de fundo, do tecido da cultura, das relações de vida, o exilado vive como exilado, em um ambiente hostil, como perseguido, correndo o risco a todo o momento de ser expulso ou preso; quando, ao fim de novembro de 1919, por solicitação de autoridades húngaras, é preso e ameaçado de repatriação (o que seria equivalente a uma sentença de morte), por sua liberação se levantam altas as vozes de Thomas Mann, Beer-Hofmann e outros intelectuais. Enfim, totalmente estrangeiro e também clandestino na Hungria de Horthy, na década de 1921 a agosto de 1931 esmagada sob a pressão do governo ultrarreacionário de conde István Bethlen; mas frágil, incerta, fonte mais de desorientação que de sustentação, ao menos até a metade daquele decênio, a sua relação com o grupo de outros exilados em Viena, não obstante alguma aparência, com o Círculo de domingo que ali se reconstituía nos últimos meses de 1920.

Os anos de Viena têm importância para o aproveitamento formativo e operativo de Lukács, para as suas vastas leituras, para o aprofundamento paulatino mais sério do marxismo, para as suas variadas colaborações com revistas de língua alemã ou húngaras (como *Kommunismus*, *Die Rote Fahne*, *Proletár*, *Új Március*, *100%* etc.) e, sobretudo, para a construção do livro que lhe daria fama, *História e Consciência de Classe* (LUKÁCS, 1923; repr. 1977; agora em LUKÁCS, 1968a, pp. 161 ss; trad. 1967b): uma operatividade politicamente e culturalmente embebida de princípios utópico-extremistas, em um primeiro momento – por exemplo, nos artigos de *Kommunismus* –, em larga medida ainda sucumbida a formulações próprias de um marxismo sumário, se não de pesados resíduos de seu precedente “anticapitalismo romântico”.

“Construção” é um termo descritivo justo da gênese de *História e Consciência de Classe*. Preparado e publicado em 1922-23, o livro deriva, de fato, não de um projeto estruturalmente unitário, mas do encorpamento de uma série de ensaios compostos entre 1919 e 1922, com o acréscimo para a ocasião de dois outros ensaios mais elaborados, “A Reificação e a Consciência do Proletariado” e “Considerações Metodológicas sobre a Questão da Organização”. Saltam, de imediato, aos olhos aquelas que são as qualidades de destaque. Este é o excepcional – apesar de imaturo – produto de circunstâncias excepcionais, irrepetíveis (para a expectativa, típica do comunismo de esquerda de agora, de um “grande salto revolucionário” sob escala mundial), sem mitificar, todavia, como *unicum* descolado de outras *tentamina* marxistas do gênero: pense-se, de imediato, no *Einführung in die Marxistische Philosophie* de Fogarasi (1922)<sup>12</sup>, também colaborador de *Kommunismus*, nesse meio tempo redator-chefe da *Rote Fahne*, e sem dúvida influenciado por trocas de opiniões pessoais em Viena com Lukács e, logo na sequência, mas desta vez sem qualquer relação de influência com Lukács, em *Marxismo e Filosofia*, de Karl Korsch (KORSCH, 1923; reed. 1966; trad. 1966)<sup>13</sup>, para o qual o próprio Fogarasi escreve uma resenha favorável<sup>14</sup>. Enquanto, por exemplo, o Troeltsch de então, na fundação das matrizes de seu historicismo irracionalista (herança de uma afinidade nunca cancelada com as “ciências do espírito”), alinha-se a tantos do marxismo se destacando como a “última forma da teoria da história sócio-positivista praticamente relevante” (TROELTSCH, 1922, I, p. 149; 1985-93, I, p. 182)<sup>15</sup>, aqueles ali descobrem, ao contrário, uma teoria da sociedade e da história contestadora em germe, com a sua racionalidade desdobrada, de toda forma possível de positivismo. Precisamos, no entanto, revelar as diferenças entre eles. Nesta operação de renovação do marxismo, da recuperação das suas potencialidades ainda inexploradas, Lukács está muito acima dos outros dois novatos marxistas que estão ao seu lado. É uma diferença da capacidade de penetração nos problemas da teoria. Paradigmático nele, em primeiro lugar, o papel socialmente progressivo assinalado pela filosofia de Hegel. Já alguns de seus ensaios de *Kommunismus* deixam transparecer um Hegel por conotações e prospectivas bem diversas em relação àquelas encontradas no seu Hegel de Heidelberg. Recordo apenas o parágrafo conclusivo de seu mais notável dentre esses ensaios, *Alte Kultur und neue Kultur*.

A ideia do homem como fim em si – ideia fundamental da nova *Kultur* – é de fato a herança do idealismo clás-

12 Cf. as observações, a propósito, de Karádi, *Vornwort* à sua edição de B. Fogarasi (1988, p. 22); de Gabel, (1987, p. 34) (segundo o qual, frequentando ambos “os mesmos meios”, permanece “difícil o estabelecimento de prioridades intelectuais”); e de Congdon (1991, pp. 56-7).

13 Por uma entrevista da mulher Hedda (1972, pp. 40-41), sabemos que Korsch descobre apenas posteriormente, em *História e Consciência de Classe*, ideias similares às suas; e que, durante o curso do marxismo por ele ministrado em Berlim, os dois tiveram também formas de discutir muitas vezes juntos.

14 A resenha, surgida em *Die Internationale* (1924, pp. 414-6), é reeditada em Fogarasi (1988, pp. 118-22).

15 No longo § 4 do capítulo III, sobre “dialética marxista”, é explicado, pois, em detalhe, como em Marx a dialética vem deformada, isto é, “naturalizada” e “economicizada” (pp. 314 ss; trad., II, pp. 101 ss).

sico do século XIX. A verdadeira contribuição da época capitalista à construção do futuro constitui em haver criado a possibilidade da própria ruína e da construção do futuro a partir de seus escombros. Como o capitalismo gera por si os pressupostos econômicos da sua destruição, como por si cria as armas espirituais da crítica que, através do proletariado, o destruirá (a relação Marx-Ricardo), analogamente na filosofia de Kant até Hegel nasce a ideia da nova sociedade, chamada por necessidade a produzir a sua aniquilação. (LUKÁCS, 1920, p. 1.549; rest. in 1975-79, I, p. 150; trad. in 1975a, p. 171)

*Historia e Consciência de Classe* vai além desta prospectiva em dúplice direção. Por um lado porque, com as suas repetidas críticas do kantismo e neokantismo, até a Lask inclusive, separa nitidamente Kant de Hegel, idealismo subjetivo do objetivo, assumindo, por isso mesmo, para Lukács, o sentido de uma autocrítica, de um acerto de contas com o seu passado pré-marxista; por outro lado, porque do recurso idealista-objetivo do hegelianismo se serve como ponto de polêmica direta contra os atrasos filopositivistas do marxismo, que, assim empobrecido, achatado, vulgarizado, vinha perdendo havia décadas sua força de teoria. Agora, propriamente, a teoria, ou melhor, a centralidade que deve ter a “estrutura conceitual interna” de *O Capital* para a teoria no marxismo, modelo de todo conhecimento acerca da “totalidade concreta”, anima de um lado a outro a investigação do livro.

Daí a sua famosa novidade em relação à tradição marxista dominante na II Internacional. Contra o marxismo passivo, fatalístico e determinista daquela tradição, aqui o acento recai propriamente sobre traços opostos, sobre a consciência, sobre a subjetividade, sobre a práxis, cuja finalidade é não aceitar, mas revolucionar o mundo. Correlativamente, a dialética se encontra já totalmente operante no livro. Reivindicadas com energia, *versus* toda forma de sociologismo vulgar (herança última da II Internacional) e toda forma de revisionismo do tipo de Bernstein, ambos antidialéticos, ali estão as categorias hegelianas de “totalidade” e “mediação”, agora exatamente na acepção especificamente marxiana de “totalidade concreta” (cf. MÉSZÁROS, 1972, pp. 61 ss)<sup>16</sup>. Em todo lugar reconhecíveis e fecundos os traços próprios da dialética (influência exercitada pela mediação sobre a imagem do mundo, identidade entre processo dialético e desenvolvimento histórico). Sua função precípua, aquela de extrair o fenômeno da reificação (tema já posto no centro dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de Marx, não ainda tornados públicos quando Lukács deles se ocupa), ou seja, a essência da estrutura de mercadorias das relações entre os homens na organização capitalista da sociedade. O motivo pelo qual *História e Consciência de Classe* deixa, sem dúvida alguma, uma marca não indiferente na história do marxismo é que a partir dali começa um modo diverso de ver o marxismo como filosofia. Já as afirmações dos primeiros dois capítulos, “O que É o Marxismo Ortodoxo” e “Rosa Luxemburgo Marxista”, por meio da sua novidade, criou escândalos. O início do ensaio sobre Luxemburgo merece ser referido por si mesmo:

Não é o domínio de motivos econômicos na explicação da história que distingue de maneira decisiva o marxismo da ciência burguesa, mas o ponto de vista da totalidade. A categoria da totalidade, o domínio universal e determinante do todo sobre as partes constituem a essência do método que Marx recebeu de Hegel e transformou de maneira original no fundamento de uma ciência inteiramente nova. A separação capitalista entre o produtor e o processo global da produção, a fragmentação do processo de trabalho em partes que deixam de lado o caráter humano do trabalhador, a atomização da sociedade em indivíduos que produzem irrefletidamente, sem planejamento nem coerência, tudo isso devia ter também uma influência profunda sobre o pensamento, a ciência e a filosofia do capitalismo. A ciência proletária é revolucionária não somente pelo fato de contrapor à sociedade burguesa conteúdos revolucionários, mas, em primeiro lugar, devido à essência revolucionária de seu método.

Passagem encerrada por uma frase acrescentada para exaltar a relevância: “o domínio da categoria da totalidade é o portador do princípio revolucionário na ciência” (LUKÁCS, 1923, p. 39; 1977, p. 199; 1967b, pp. 35-6; [N.T.: 2003, pp. 105-6]). Ora, o fato de que a prioridade no marxismo seja dada à metodologia mostra como e o quanto pesa a herança hegeliana sobre os ombros de Lukács, a tradição que no hegelianismo deriva já da frase resgatada da *Fenomenologia do Espírito*, “o verdadeiro é inteiro”. Se, em verdade, a realidade é uma totalidade, então o ponto central fundante torna-se ver, saber e estudar quais relações com a totalidade têm as classes sociais. Proletariado e burguesia são ambas partes do todo, mas não têm com o todo as mesmas relações: pois, enquanto a parte burguesa é uma parte que permanece parte, com interesses de parte, o proletariado é aquela classe cuja natureza o consente a aspirar ao todo. Núcleo nevrálgico de exposição do problema para Lukács, remontando a Hegel, é o conceito de proletariado como sujeito-objeto idêntico. Todos sabem que, na filosofia de Hegel, o espírito opera como motor do inteiro desenvolvimento da realidade, como aquela força que se move, dá a si mesmo suas determinações, objetiva-se na exterioridade (seja natural, seja social), e que depois, ao fim do processo, retorna a si mesmo, fazendo resultar que

---

16 Ensaio originariamente editado no volume coletâneo *Georg Lukács: The Man, his Work and his Ideas* (PARKINSON, 1970, pp. 64 ss); e parcialmente traduzido na antologia de ensaios por mim organizada (OLDRINI, 1979, pp. 141 ss).



as determinações aparentemente objetivas do espírito são, ao contrário, idênticas ao seu próprio eu, com a sua subjetividade. É nesse sentido que, para Hegel, o espírito é um sujeito-objeto idêntico.

Sob o perfil do método, Lukács mantém o tronco nevrálgico das argumentações de Hegel. Apenas, em lugar de pôr como fundamento o processo do sujeito fantástico do espírito, isto é, um mito, uma teologia travestida, ele põe como fundamento a concretude real e histórica do proletariado como classe. Por um lado, o proletariado é objeto, pois, na medida em que o operário trabalha, o seu trabalho, conforme a teoria do valor-trabalho de Marx, entra como elemento constitutivo do valor junto com todos os outros elementos da mercadoria; por outro, a mercadoria que ele é uma mercadoria *sui generis*, dotada também de vontade e de consciência, incluindo a consciência de classe. Em torno desse complexo problemático Lukács escreve os capítulos mais notáveis e apaixonantes do livro, como os dois centrais, “Consciência de Classe” (1920) e “A Reificação e a Consciência do Proletariado” (1922), nos quais mostra saber trazer à luz, autonomamente da doutrina de Marx (em especial, das páginas do livro I de *O Capital*, sobre o fetichismo da mercadoria), toda a problemática da alienação presente nos *Manuscritos de 1844*.

A essência da estrutura da mercadoria já foi ressaltada várias vezes. Ela se baseia no fato de uma relação entre pessoas tomar o caráter de uma coisa e, dessa maneira, o de uma “objetividade fantasmagórica” que, em sua legalidade própria, rigorosa, aparentemente racional e inteiramente fechada, oculta todo traço de sua essência fundamental: a relação entre os homens. (LUKÁCS, 1923, p. 94; 1977, p. 257; 1967b, p. 108; [N.T.: 2003, p. 194])

Dúplice a consequência que provoca tal economia mercificada:

Objetivamente, quando surge um mundo de coisas acabadas e de relações entre coisas (o mundo das mercadorias e de sua circulação no mercado), cujas leis, embora se tornem gradualmente conhecidas pelos homens, mesmo nesse caso se lhes opõem como poderes intransponíveis, que se exercem a partir de si mesmos. (LUKÁCS, 1923, p. 28; 1977, p. 261; 1967b, p. 112; [N.T.: 2003, p. 199])

De outra parte, junto com o trabalho, reifica-se subjetivamente a imagem que do real molda a consciência dos trabalhadores:

O caráter mercantil da mercadoria, o modo quantitativo e abstrato da calculabilidade aparecem aqui sob sua forma mais pura. Sendo assim para a consciência reificada, esta se torna, necessariamente, a forma de manifestação do seu próprio imediatismo, que ela, enquanto consciência reificada, não tenta superar. Ao contrário, tal forma tenta estabelecer e eternizar esse imediatismo por meio de um “aprofundamento científico” dos sistemas e de leis apreensíveis. Do mesmo modo que o sistema capitalista produz e reproduz a si mesmo econômica e incessantemente num nível mais elevado, a estrutura da reificação, no curso do desenvolvimento capitalista, penetra na consciência dos homens de maneira cada vez mais profunda, fatal e definitiva. (LUKÁCS, 1923, p. 105; 1977, p. 268; 1967b, p. 121; [N.T.: 2003, p. 211])

Obviamente, a reificação da qual Lukács se ocupa aqui não tem nada que ver com a dimensão metafísica desta, a *Tragik der Kultur*, elaborada pela *Lebensphilosophie* do pré-guerra sobre o pressuposto da alteridade de princípio, como tal insuperável – entre “espírito” e “vida”. Mas se a tragédia se dá, como na situação em causa, sob forma histórica concreta de reificação capitalista, de que modo, todavia, superá-la? De que modo reagir a ela socialmente? A totalidade do social impede que uma consciência de classe venha dada e seja descoberta empiricamente, como consciência do indivíduo empírico. O seu conceito comporta, em sentido marxista, qualquer coisa a mais e de diverso, definível somente com base na “categoria da possibilidade objetiva”: da consciência que os homens possuiriam de uma situação, se fossem capazes de colher plenamente todas as componentes, os interesses que essas fazem emergir etc. Apenas graças a esta potencialidade “atribuída de direito” aparece, junto ao justo senso de consciência de classe, o papel histórico da classe destinada ao poder, neste caso, o proletariado: já que “a vocação de uma classe para a dominação significa que é possível, a partir de seus interesses e da sua consciência de classe, organizar o conjunto da sociedade conforme esses interesses” (LUKÁCS, 1923, pp. 61-4; 1977, pp. 223-5; 1967b, pp. 65-8; [N.T.: 2003, pp. 140-4]). Por outro lado, quanto mais o proletariado toma consciência da própria atividade produtiva, tanto mais o objeto que era tende a fazer-se sujeito, a reconhecer na objetividade produzida o seu próprio produto e, portanto, em si mesmo, classe produtiva, a classe explorada. Aquela que em Hegel era a dialética interna do espírito torna-se aqui a dialética objetiva do proletariado; seu ponto de chegada último, a realização de uma práxis revolucionária. Sobre a “praticidade como princípio da filosofia”, oposto à contemplação, Lukács bate com força inusual. Ele diz:

Porém, o autoconhecimento do trabalhador como mercadoria já existe como conhecimento prático. Ou seja, *este conhecimento realiza uma modificação objetiva e estrutural no objeto do seu conhecimento*. O caráter especial e objetivo do trabalho como mercadoria, seu “valor de uso” (sua capacidade de fornecer um produto excedente), que como todo valor de uso submerge sem deixar rastros nas categorias quantitativas de troca, desperta nessa consciência e por meio dela *para a realidade social*. (LUKÁCS, 1923, pp. 185-6; 1977, p. 353; 1967b, p. 223; [N.T.: 2003, p. 342])

Assim, ao proletariado como classe cumpre a transformação de sua consciência em práxis: “o seu objetivo prático”, Lukács diz, é uma “transformação fundamental do conjunto da sociedade” (LUKÁCS, 1923, p. 179; 1977, p. 347; 1967b, p. 215; [N.T.: 2003, p. 332]).

Ora, o marxismo vulgar constantemente negligenciou este lado da autoconsciência, substituindo por questões mesquinhas de *Realpolitik* o reconhecimento daquilo que forma a “superioridade do proletariado frente à burguesia”: uma superioridade ligada precisamente à circunstância “de ser capaz de considerar a sociedade, a partir do centro, como um todo coerente e, por isso, agir de maneira centralizada, modificando a realidade, no fato de que, para a sua consciência de classe, teoria e práxis coincidem”.

Quando os marxistas vulgares rompem essa unidade, cortam o nervo que liga a teoria proletária à ação proletária numa unidade. Reduzem a teoria ao tratamento “científico” dos sintomas do desenvolvimento social e fazem da práxis uma engrenagem fixa e sem objetivo dos acontecimentos de um processo que renunciam dominar metodicamente pelo pensamento. (LUKÁCS, 1923, pp. 80-1; 1977, pp. 283-4; 1967b, pp. 89-90; [N.T.: 2003, p. 172])

Para Lukács, este domínio metodológico do pensamento vale, ao contrário, como uma prioridade não renunciável, como o fator catalisador de todo o processo, em vista da realização de seu êxito. Certamente, “a transformação socialista é uma questão de poder (*Machtfrage*)”, mas a violência por si somente a alcança em aparência.

Pois a violência não é e nunca pode ser um princípio autônomo. E essa violência é apenas a vontade conscientizada do proletariado de anular a si mesmo e, simultaneamente, o domínio escravizador das relações reificadas sobre o homem, o domínio da economia sobre a sociedade. (LUKÁCS, 1923, p. 258; 1977, p. 429; 1967b, p. 313; [N.T.: 2003, p. 460])

O surgimento de um texto como *História e Consciência de Classe*, o impacto social de tal gênero de reflexão não são fenômenos que permanecem sem consequências. Estes sacodem a atmosfera cultural dominante, alteram relações intelectuais estabelecidas, criam discrepâncias entre rodas e grupos de estudiosos ou, ainda, entre expoentes internos a grupos singulares. Rupturas inevitáveis se perfilam: não apenas Lukács com o inteiro círculo acadêmico alemão, dos neokantianos a Weber, mas dos marxistas ou filomarxistas com o marxista Lukács: basta citar os casos – separados nos anos subsequentes – de Balázs, Bloch, Korsch, Kracauer. Balázs, que como sabemos, a partir desse momento não recupera mais com Lukács a concordância que os havia acompanhado por tanto tempo; Korsch e Kracauer andaram por estradas muito divergentes, seja entre eles seja daquela assumida por Lukács; ao Bloch de *Thomas Müntzer* (1921), propenso a procurar no “vínculo da esfera religiosa com um elemento revolucionário do ponto de vista econômico-social (...) uma via para o aprofundamento do materialismo histórico ‘puramente econômico’”, Lukács retruca sem reservas, argumentando que:

Ao conceber o elemento econômico igualmente como coisa objetiva, à qual deve se contrapor o anímico, a interioridade etc., esquece que justamente a verdadeira revolução social só pode ser a remodelação da vida concreta e real do homem e que aquilo que se costuma chamar de economia não é outra coisa senão o sistema das formas de objetivação dessa vida real. (LUKÁCS, 1923, p. 211; 1977, pp. 379-80; 1967b, pp. 253-4; [N.T.: 2003, p. 383])

Caberia aqui acrescentar qualquer coisa a mais a propósito da confusa controvérsia acerca do legado weberiano, tão insistente, exagerado, fora de lugar na historiografia<sup>17</sup>. Mas também aqui as discrepâncias são categóricas, de longe mais decisivas que as presumidas afinidades doutrinárias ou os episódicos ecos e empréstimos terminológicos. Já que o fundo cultural de Weber faz com que ele, como sociólogo, ainda que crítico do formalismo kantiano, opere desde logo insistindo sobre a autonomia da “esfera dos valores”, isto é, separando, disciplina por disciplina, teoria da prática, gnosiologia da ética, em contraste com o universalismo hegeliano e marxiano tanto enfatizado por Lukács, a ruptura com Weber se consuma de fato já presente e entre eles só são possíveis simples analogias formais. Doutrinariamente, Lukács se limita ao uso de certos elementos críticos weberianos (por exemplo, o “cálculo” como movente primário da ideologia capitalista ou a crítica da burocracia moderna) para um mais adequado esclarecimento do conceito de reificação; sobre as consonâncias de ordem terminológica, estas, em primeiro lugar, mantêm-se quase que exclusivamente no âmbito da tipologia, da teoria dos *Idealtypen* (por exemplo, a categoria de “possibilidade objetiva”) e, em segundo lugar, não se investem, mesmo por este âmbito limitado, senão de pontos à

---

17 Vai refutada radicalmente, em todo caso, a pretensão de ver em *História e Consciência de Classe* “uma explícita *Auseinandersetzung* com a sociologia compreensiva de Marx Weber” (BEJERSDÖRFER, 1986, pp. 135 ss), ou, no seu autor, acima de tudo “um aluno de Weber” (MARETZKY, 1978, pp. 164-89). Sobre a questão faltam repertórios bibliográficos completos dos textos em referência. Uma bibliografia dos textos em língua inglesa fornecida por Kadarkai (1994, pp. 77-102, com bibl. na p. 90), em que, entretanto, de *História e Consciência de Classe* não se escreve sequer uma palavra.

margem dos complexos problemáticos em discussão, sem nunca incidir sobre seu aparato conceitual, tanto menos para condicionar-lhe a impostação.

### 3. A conjuntura da “estabilização relativa”

É uma contradição singularmente indicativa do patamar de nível teórico ali alcançado por Lukács que *História e Consciência de Classe*, o seu livro sem dúvida mais rico de emoções, surja mesmo quando tais emoções aparecem mal dispostas, quando estas já são, por um lado, politicamente inaceitáveis e, por outro, historicamente anacrônicas. O ato de seu aparecimento, de fato, não se dá no mundo daquela ordem do proletariado que a teoria do livro requer, um proletariado mundialmente vencedor ou que se apressa a vencer; o único proletariado vencedor, o soviético, venceu somente em seu país, enquanto no resto da Europa se anuncia tanto mais uma fase de estagnação revolucionária.

Duas gravíssimas circunstâncias constituem obstáculo para que o desenho esboçado no livro vingue, tome corpo e desdobre os seus efeitos. Acima de tudo, a péssima acolhida a ela reservada pela Internacional Comunista. Durante o debate realizado em várias sedes em 1923-24, em *Rote Fabne*, em *Pravda*, em *Pod znamenem marksizma*, na vienense *Arbeiter-Literatur* e outras, libera-se por parte de intelectuais alinhados ao marxismo oficial (Deborin, Rudas) um áspero ataque contra as “tendências idealistas” de *História e Consciência de Classe*, seguido logo depois pela sua proibição provocada pela condenação de Zinoviev no V Congresso da Internacional Comunista (junho-julho de 1924): “Não podemos tolerar impunemente tal revisionismo teórico na nossa Internacional Comunista”<sup>18</sup>. Em segundo lugar, prejudica a eficácia do livro a mudança que logo interveio nos equilíbrios da situação histórica em seu conjunto. Porque o Outubro soviético não teve vitoriosa repercussão no exterior, a estrutura dominante do capitalismo em escala mundial não sai manchada, não é destituída de suas posições, em que, de fato, entre uma crise e outra, esta tende – relativamente – a estabilizar-se. A crítica da economia política vislumbra exatamente no quinquênio 1924-29 a fase em que, não obstante transtornos, inconveniências e reviravoltas do seu sistema econômico, o capitalismo goza de uma “estabilização relativa” (cf. DOBB, 1946, pp. 320-1; KUCZYNSKI, 1957, pp. 177 ss), incompatível seja com todas hipóteses de ruína seja com toda instância utópica de derrubada violenta.

No Lukács exilado em Viena a consciência dessa incompatibilidade amadurece apenas lentamente. Nos pilares de seu protomarxismo, com toda a bagagem de ilusões revolucionárias que comporta, ele se apoia até a fadiga. Durante a primeira metade dos anos 20 trabalha permanecendo fundamentalmente dentro do horizonte ideológico de *História e Consciência de Classe*, de sua atmosfera, de sua messiânica filosofia da história (cf. MESTERHÁZI, 1987, pp. 81 ss), como provam bem os escritos que aparecem logo em seguida: o opúsculo sobre *Lênin* (LUKÁCS, 1924; reed. 1967a, depois 1968a, pp. 519 ss; mas rest. também em 1985b, pp. 181-285, e in 1990, pp. 43-154; trad. 1970b; [N. T.: ed. bras. 2012])<sup>19</sup>, texto lançado em poucas semanas, por ocasião comemorativa, conforme incumbência do editor, relevante, sobretudo, para o conhecimento ali expresso da necessidade de extrair da figura e do pensamento de Lênin, do seu “realismo antiascético”, as linhas inspiradoras guias do movimento operário revolucionário; o conjunto da atividade editorial que por alguns anos o envolve como revisor de revistas como *Die Internationale*, *l'Archiv für die Geschichte des Sozialismus und der Arbeiterbewegung*, o soviético *Archiv K. Marksa i F. Engels*; e aquela obstinada réplica aos ataques de Rudas e Deborin contra *História e Consciência de Classe*, que é a autodefesa – permanecida incompleta e inédita até os nossos dias – do título *Chvostismus und Dialektik* (LUKÁCS, 1996; reed. parcial 1998-99, pp. 119-59)<sup>20</sup>. Um estudo profundo, mais circunstanciado, de Lênin e do núcleo da economia marxista, como uma tomada mais séria em consideração dos estudos de Engels sobre dialética, começam apenas

18 Cf. o *Protokoll* das intervenções no Congresso, editado em *Geschichte und Klassenbewusstsein heute. Diskussion und Dokumentation* (1971, pp. 64-6). Para o debate de seu livro, sua condenação e os ulteriores desenvolvimentos da controvérsia nos anos 20 existe, além das documentações ali recolhidas, Boella (1977); a antologia em quatro volumes, com o título *A “Történelem és osztálytudat” a 20-as évek vitáiban*, do anuário húngaro *Filozófiai figyelő* (1981) organizado por T. Krausz e M. Mesterházi, autores também, por própria conta, de *Műs és történelem. Viták Lukács György m̄veiről a húszas években* (1985); e “Lukács’History and Class Consciousness’ in the Debats of the 1920s” (LENKEI, 1993, I, pp. 139-66); e os parágrafos que dedicam ao debate e condenação Hanak (1973, pp. 46-51); Sochor (1978-82, III, 1, pp. 738-41) e Congdon (1991, pp. 62-8).

19 Além do *Nachwort* acrescentado na ed. 1967, para a justa compreensão do espírito que anima o opúsculo são importantes o *Vorwort* escrito por Lukács ao já citado *Frühschriften* (1968a, pp. 34 ss), a sua intervenção de 1969 *Su Lénin e il Contenuto Attuale del Concetto di Rivoluzione* (1973b, pp. 49-51), e aquela iugoslava de 1970 *Nach Hegel nichts Neues*, agora em Lukács, *Autobiographische Texte* (1968a, pp. 436-7).

20 Existem também versões em inglês (2000) e francesas (2001); ed. it. 2007. Para a sua datação em 1925, cf. Löwy (2005, p. 193).

em seguida, não antes do biênio 1926-27<sup>21</sup>.

Mas já com os escritos posteriores a *História e Consciência de Classe* alguma coisa vai progressivamente mudando. Muda ao menos isto: todo o extremismo messiânico lá tão audacioso agora figura muito atenuado. Pouco a pouco, na medida em que historicamente se consolida a prospectiva da “estabilização relativa”, Lukács deve render-se à ideia da impropriedade do núcleo conceitual do livro, nascido – sabemos – sob o ímpeto da esperança de que se estivesse às vésperas de uma agitação revolucionária e de uma crise irreversível do capitalismo. *História e Consciência de Classe* é livro não apenas fundado, mas totalmente centrado sobre tais princípios. Ora, a rigidez de seu desenho, a audácia do seu tom, a agitada estringência de suas deduções dialéticas, a desenvoltura com que a teoria ali se entrega mais a atribuições “de direito” que ao encontro e à sondagem das circunstâncias de fato, tudo isto, tão logo os fatos não prevalecem sobre o direito, coloca em questão sua legitimidade e prejudica sua eficácia. Aquelas mesmas exigências históricas, que na URSS, por ocasião dos compromissos da NEP, constringem a direção soviética pós-leniniana a encontrar um ponto de conexão ou uma combinação entre política de “front único” e “estabilização relativa” (cf. HÁJEK, 1969, p. 142), constringem da mesma forma, por sua vez, Lukács a rejeitar panoramicamente, depois a abandonar definitivamente, as suas perspectivas escatológicas, apoiando-se não mais sobre um desenho estratégico abstrato, sobre um ativismo e uma práxis dedutível apenas de princípios, mas sim sobre o realismo pouco a pouco obtido da objetividade das circunstâncias históricas.

Correlativamente a este trabalho de erosão dos aspectos mais sectários e utópicos de *História e Consciência de Classe* cresce nele, como traço agora ideologicamente dominante, a concretude antiespeculativa da investigação. Refiro-me, acima de tudo, aos seus três maiores escritos filosóficos do período, a refutação ao *Manual* de Bukharin – já objeto de análise por parte de Fogarasi em *Rote Fahne* (19 de novembro de 1922) (FOGARASI, 1988, pp. 115-7) – e a edição da correspondência de Lassalle, ambas aparecem em 1925, e o *Moses Hess* do ano sucessivo (LUKÁCS, 1926, rest. in LUKÁCS, 1968a, pp. 641-86, onde são rest. também as recensões a Bukharin e Lassalle, pp. 598-608 e 612-39; trad. 1972, pp. 187-310), mas também, e de modo especial, às chamadas *Teses de Blum*<sup>22</sup>, compostas em vista do relatório para o II Congresso do Partido Comunista húngaro, ilegal até o fim de 1928. Não é, por certo, sem significado que, contra a retórica do “socialismo alemão”, estes escritos façam mais remissões a Marx e Engels como modelo metodológico do que aos princípios dialéticos de Hegel, ou, em segunda instância, mais ao atento senso histórico-realista do próprio Hegel que à arrogância filosófica dos jovens hegelianos erguidos como seus críticos. O realismo avança sempre com maior força em detrimento da utopia. Já no *Lênin*, de resto, o “utopismo dos revolucionários” vem condenado sem apelo, dado que o

O realismo de Lênin, sua *Realpolitik*, é, portanto, a liquidação decisiva de todo e qualquer utopismo, a realização concreta do conteúdo do programa de Marx: uma teoria que se tornou prática, uma teoria da práxis (LUKÁCS, ed. 1967; 1923, p. 71; 1977, p. 575; 1967b, p. 91; [N. T.: 2012, p. 89]).

Se na “teoria da práxis” elaborada em *História e Consciência de Classe*, lá contraposta ao caráter meramente contemplativo tanto do pensamento burguês como do pseudomarxismo oportunista da II Internacional, faltava ainda, em sua marca prática real, a indicação de sua base real no trabalho, agora Lukács parece atender pelo menos para três coisas. Em primeiro lugar, que nem toda práxis comporta por si uma superação da contemplação, que nem todo ativismo atua por si mesmo para levar à garantia de um processo revolucionário. Criticando Lassalle, Lukács aproveita para criticar nos jovens hegelianos radicais aquele radicalismo ativista que existira pouco antes ao seu próprio, mas que, de fato, implicava um retrocesso da dialética de Hegel a Fichte. Apenas em aparência a “menção a Fichte”, como *escamotage* que assegura “à filosofia da história um acento revolucionário, envolto pela ação” (LUKÁCS, 1968a, p. 616; 1972, p. 210), vai além do *impasse* da “conciliação” com o real, que por fim conduz também a dialética hegeliana a se render. Os motivos do seu juízo Lukács argumenta como segue:

Porquanto (...) a *intenção* de Fichte fosse mais revolucionária que a de Hegel, permanece todavia na intenção puramente utópica, enquanto Hegel é capaz de acolher no seu sistema das categorias a estrutura social interna do presente (aí compreendidas as tendências que vão para além dessa). Isto quer dizer que as categorias hegelianas, na sua sucessão lógico-metodológica, dependem muito mais do evoluir histórico do desenvolvimento real do que dependem aquelas fichtianas.

21 São as datas sugeridas pelo próprio interessado na breve *Autobiographie Inédite* (1978, p. 151).

22 Também os esboços das *Blum-Thesen* – do manuscrito já armazenadas no Instituto de História do Partido Comunista de Budapeste – se lê em Lukács (1968a, pp. 697-722; trad. parcial do § V. A, in 1972, pp. 311-27). Diretamente referentes ao manuscrito os atentos estudos de M. Lanckó, dentro dos quais “A Blum-Tézisek és Lukács György kultúra felfogása”, in *Szerdahelyi* (1982, pp. 92-101) (depois the “Blum Theses’ and György Lukács Conception of Culture and Literature”, in *VVAA*, 1993, I, pp. 167-87); outras notícias e reenvios bibliográficos de primeira mão, com elogio a Lackó (“one the most detailed analyses of *Blum Theses*”), in *Molnár* (1992, pp. 237-8); e in *Congdon* (1986, pp. 136-7).



Acontece, então, o inverso do suposto e aspirado pelo radicalismo jovem-hegeliano: que assim os jovens hegelianos radicais e revolucionários (...), agarrando-se a Fichte na tentativa de superar os elementos conceituais conservadores da escola hegeliana, retrocedem, pois, necessariamente se comparados a Hegel, quando afrouxam a conexão metodológica entre categoria e história ao invés de ancorar a categoria à história e fazê-la surgir da realidade histórica (LUKÁCS, 1968a, p. 617; 1972, pp. 211-2).

Em segundo lugar, Lukács percebe que a via para a superação da contemplação não passa nem pode passar através de atalhos tais como: por um lado, as vulgarizações sociológicas do marxismo em geral, como aquela posta em ato por Bukharin (em certos aspectos mais atrasada, mais próxima do materialismo burguês, que do próprio marxismo da II Internacional); por outro, a reinterpretação de Hegel segundo os esquemas do “verdadeiro socialismo” à la Hess, também esta, pelos mesmos motivos (por ser voltada “em direção a Fichte”, pelo seu utopismo), uma falida “tentativa de superar o aspecto contemplativo da filosofia hegeliana, de tornar prática a dialética” (LUKÁCS, 1968a, p. 647; 1972, pp. 252), que na realidade de um similar praticismo vem “ideologizada” muito mais do que havia feito o próprio Hegel:

Por isso – conclui Lukács – todo utopismo abstrato, propriamente lá onde é abstratamente utópico, deve necessariamente fazer à empiria superficiais concessões maiores do que aquelas feitas por um efetivo realismo dialético: deve, em suma, absolutizar as formas transitórias do presente, ancorar a evolução a este momento do presente, tonar-se reacionária. (LUKÁCS, 1968a, pp. 649-51; 1972, pp. 256-8)

Terceiro ponto, enfim, e são as *Teses de Blum*, ganha força o princípio de que não é de nenhum modo possível, nas específicas condições húngaras (tanto menos para a Europa em geral), identificar com o proletário como classe em si aquilo que uma frase do Lukács do ensaio sobre *Moses Hess* havia definido como o “sujeito da práxis destituidora”. Para orientar de maneira realista o pensamento político de Lukács contribui a circunstância, que exerceu não pouco influxo sobre esta orientação, de sua adesão, junto com Révai, à fração Landler do Partido, em contínuo e sempre mais tenso combate com o sectarismo do líder Béla Kun. Assim como a filosofia, a política deve também deixar para trás qualquer pretensão sectária. O *slogan* hasteado pelas *Teses*, “ditadura democrática do proletariado e dos cidadãos”, uma adaptação da palavra de ordem de Lênin de 1905, soa ao mesmo tempo como combativa e antissectária. Pois “ditadura democrática” significa “completa realização da democracia burguesa”, a ditadura assim entendida

é, no sentido rigoroso do termo, um campo de batalha, um campo da batalha totalmente decisivo entre burguesia e proletariado. Obviamente esse é também, ao mesmo tempo, o mais importante instrumento de luta, uma possibilidade de fazer apelo às mais grandes massas, levá-las e guiá-las à ação revolucionária espontânea, como também de afastar as formas organizativas e ideológicas com cujos auxílios a burguesia, em circunstâncias normais, desorganiza as grandes massas do povo trabalhador; a ditadura democrática é uma possibilidade de criar aquelas formas organizativas mediante as quais as grandes massas dos operários fazem valer os próprios interesses contra a burguesia (LUKÁCS, 1968a, pp. 701-2; 1972, p. 314; passagem referida também por LUDZ, 1965, p. 63).

Em face de tudo isso fica evidente como, tomada no conjunto e colocado em confronto com *História e Consciência de Classe* e com *Chvostismus und Dialektik*, a produção lukácsiana da segunda metade dos anos 20 deixa transparecer sobre seu autor os efeitos dos problemas da “estabilização relativa”. Neste momento, ocorre em Lukács a tendência, muito mais decisiva que no passado, de vincular-se à dinâmica das circunstâncias concretas, de fundamentar a teoria, a crítica da sociedade, não sobre elucubrações subjetivas e esperanças imaginárias, mas, ao contrário, sobre nexos objetivamente escavados, seja da história, seja da dialética entre os fatores constitutivos do complexo social. Neste sentido, a importância do momento de passagem assinalado pelas *Teses de Blum*, embora eles não se relacionem de perto com o campo teórico, nunca deve ser negligenciada. Se Lukács considera, com razão, concluídos com esse escrito os seus anos de aprendizado do marxismo, isto é por conta do fato de que em sua base se encontra implícita, ainda que inadequadamente expressa, uma *Grundeinstellung* (um comportamento de fundo, uma assunção de princípios) próxima a se tornar o “fio condutor” da sua “sucessiva atividade tanto prática como teórica” (LUKÁCS, *Vorwort*, 1968a, pp. 32; 34; prefácio a 1967b, pp. XXXII; XXXV), o núcleo de uma concepção da cultura, em que – como é bem revelado (cf. LACKÓ, 1992, pp. 183-5) – em primeiro plano vêm os elos entre cultura e tradições democrático-nacionais. Lá estão, para Lukács, já postas as premissas para a liquidação definitiva das suas ilusões de um tempo, de seus preconceitos idealistas, do seu modo – idealisticamente distorcido – de observar a sociedade; precisamente naquela fase de aprendizado de seu desenvolvimento intelectual de marxista, que por brevidade se usa designar – e eu mesmo aqui o designo – sob a fórmula de seu “protomarxismo”. Um término, todavia, insatisfatório, por demais indeterminado, acima de tudo pelo fato de que – como se pôde ver – este significa, ao mesmo tempo, coisas bastante diversas entre si: que se trata do primeiro confronto direto de Lukács com o marxismo; que este é primeiro também no sentido, para ele, de tentativa inicial, primitiva,

aproximativa, filosoficamente ainda não bem fundada; e, enfim, que é anterior em relação a um segundo e mais fundado marxismo, aquele marxismo que fará dele, do Lukács maduro, o mais eminente pensador marxista do *Novecento* depois de Lênin. Um similar protomarxismo de agora em diante não interessará mais, a não ser como elemento de confronto com o marxismo que Lukács irá desenvolvendo na sequência.

### Referências bibliográficas

- BEJERSDÖRFER, K. *Max Weber und Georg Lukács. Über die Beziehungen von Verstehender Soziologie und Westlichen Marxismus*. Frankfurt/Nova York: Campus Verlag, 1986.
- BOELLA, L. (Org.). *Intellectuali e Consicenza di Classe. Il dibattito su Lukács 1923-24*. Milão: Feltrinelli, 1977.
- CASES, C. “L’Uomo Buono”. In: OLDRINI, G. (Org.). *Il Marxismo della Maturità de Lukács*. Nápoles: Prismi, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Su Lukács: Vicende di un’Interpretazione*. Torino: Einaudi, 1985.
- CLAUSSEN, D. (Org.). *Blick zurück auf Lélin. Georg Lukács, die Oktoberrevolution und Perestroika*. Frankfurt: Luchterhand, 1990.
- CONGDON, L. “Lukács Realism. From ‘Geschichte und Klassenbewusstsein’ to be ‘Blum Theses’”. In: FLEGO, G.; SCHMIED-KOWARZIK, W. (Orgs.). *Georg Lukács – Ersehnte Totalität*. Bochum: Germinal Verlag, 1986.
- \_\_\_\_\_. “Aknowledging his debit to Lukács, Fogarasi presented a clearly-stated of the soon to be published *History and Class Conscioussnes*”. In: *Exile and social Thought: Hungarian Intellectuals in Germany and Austria*. Princeton: Princeton University Press, 1991.
- DOBB, M. *Studies in the Development of Capitalism*. Londres: Routledge, 1946.
- FÉHER, E. “Das Bündnis von Georg Lukács und Béla Balázs bis zur ungarischen Revolution 1918”. In: *Die Seele und das Leben. Studien zum frühen Lukács*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977.
- FOGARASI, B. *Bevezetés a Marxi Filozófiába*. Viena: Europa, 1922.
- \_\_\_\_\_. Resenha a *Marxismo e Filosofia. Die Internationale*, n. 7, pp. 414-6, 1924.
- \_\_\_\_\_. *Parallele und Divergenz* (Ausgewählte Schriften). Budapeste: MTA Filozófiai Intézet, 1988.
- GABEL, J. *Mannheim et le Marxisme Hongrois*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1987.
- GAUCHERON, J. (Après.) *La République des Conseils*. Budapest 1919. Paris: Éditeurs Français Reuni, 1979.
- HÁJEK, M. *Storia dell’Internazionale Comunista (1921-1935). La politica del fronte unico*. Roma: Editori Riuniti, 1969.
- HANAK, T. *Lukács war anders*. Meisenheim am Glan: Anton Hain, 1973.
- HERMANN, I. *Georg Lukács. Sein Leben an Wirken*. Budapeste: Corvina, 1985.
- KADARKAI, A. *Georg Lukács: Life, Thoughts and Politics*. Cambridge-Oxford: Blackwell, 1991.
- \_\_\_\_\_. “The Demonic Self: Max Weber and Georg Lukács”. In: *Hungarian Studies*, IX, n. 1-2, pp. 77-102, 1994.
- KALLSCHEUER, O. *Marxismus und Erkenntnistheorie. Eine politische Philosophiegeschichte*. Frankfurt/Nova York: Campus Verlag, 1987.

KAMMLER, J. *Politische Theorie von Georg Lukács*. Struktur und historischer Praxisbezug bis 1929. Darmstadt-Neuwied: Luchterhand, 1974.

KARÁDI, É. “Der Auffassung von Lukács am nächsten stand Fogarasi in den Wiener Emigrationsjahre 1920/21”. In: FOGARASI, B. *Parallele und Divergenz* (Ausgewählte Schriften). Budapest: MTA Filozófiai Intézet, 1988.

\_\_\_\_\_. *Lukács' Dostojewski-Projekt*. Zur Wirkungsgeschichte eines ungeschriebenen Werkes. *Lukács-Jahrbuch*, Bd. 2, 1997.

KETTLER, D. *Marxismus und Kultur*. Mannheim und Lukács in den Ungarischen Revolutionen 1918-19. Neuwied-Berlin: Luchterhand, 1967.

\_\_\_\_\_. Culture and Revolution: Lukács in the Hungarian Revolutions of 1918-19. *Telos*, n. 10, 1971.

KÖPECZI, B. Lukács in 1919. *The New Hungarian Quarterly*, n. 75, XX, 1979.

\_\_\_\_\_. “Lukács in 1919”. In: ILLÉS, L.; JÓZSEF, F.; SZABOLCSI, M.; SZERDAHELYI, I. (Eds.). *Hungaricum Studies on György Lukács*. Budapest: Akadémiai Kiadó, 1993, I.

KORSCH, K. *Marxismus und Philosophie*. Leipzig: Hirschfeld, 1923.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e Filosofia*. Milão: Sugar, 1966a.

\_\_\_\_\_. *Marxismus und Philosophie*. Trad. de G. Backhaus. Frankfurt-Wien: Europa Verlag, 1966b.

KORSCH, Hedda. Memories of Karl Korsch. *New Left Review*, n. 76, 1972.

KRAUSZ, T.; MESTERHÁZI, M. (Orgs.). A “Történelem és osztálytudat” a 20-as évek vitáiban. In: *Filozófiai figyelo*. Budapest: Gondolat, 1981.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_ (Orgs.) *Műs és történelem*. Viták Lukács György műveiről a húszas években. Budapest: Gondolat, 1985.

KUCZYNSKI, J. *Studien zur Geschichte des Kapitalismus*. Berlin: Akademie Verlag, 1957.

LACKÓ. “The ‘Blum Theses’”. In: MOLNÁR, M. *From Béla Kun to János Kádár*. Londres: Berg Publishers, 1992.

LÉNIN, V. I. “Saluto agli Operai Ungheresi” (29 de maio de 1919). In: *Opere complete*. Roma: Ed. Rinascita/Editori Riuniti, 1954-70, XXIX.

LENKEI, J. (Org.) *Balázs Béla levelei Lukács Györgyhez*. Egy szövetség dokumentumai, Budapest: MTA Filozófiai Intézet, 1982.

\_\_\_\_\_. “Béla Balázs and György Lukács: Their Contacts in Youth”. In: VVAA. *Hungarian Studies on G. Lukács*. Budapest: Akadémiai Kiadó, 1993.

LÖWY, M. *Para uma Sociologia dos Intelectuais Revolucionários*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

\_\_\_\_\_. “Lukács’ Marxism of Revolutionary Subjectivity”. *Lukács-Jahrbuch*, Bd. 9, 2005.

LUDZ, P. “Der Begriff der ‘demokratischen Diktatur’ in der politischen Philosophie von Georg Lukács”. In: BENSELER, F. (Org.) *Festschrift zum achtzigsten Geburtstag von Georg Lukács*. Neuwied-Berlin: Luchterhand, 1965.

LUKÁCS, G. Resenha a *Teoria e História da Historiografia* de Benedetto Croce. *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, XXXIX, pp. 878-85, 1915.

\_\_\_\_\_. *Baldas Béla és akiknek nem kell*. Gyoma: Kner, 1918.

\_\_\_\_\_. “Alte Kultur und neue Kultur”. *Kommunismus* I, 1920.

\_\_\_\_\_. *Geschichte und Klassenbewusstsein: Studien über marxistische Dialektik*. Berlin: Malik Verlag, 1923.

- \_\_\_\_\_. *Lênin*. Studie über den Zusammenhang seiner Gedanken. Berlin: Malik-Verlag, 1924.
- \_\_\_\_\_. *Moses Hess und die Probleme der Idealistischen Dialektik*. Leipzig: Hirschfeld, 1926.
- \_\_\_\_\_. *Lênin*. Neuwied-Berlin: Luchterhand, 1967a.
- \_\_\_\_\_. *Storia e Concienza di Clase*. Trad. G. Piana. Milão: Sugar, 1967b.
- \_\_\_\_\_. *Frühschriften II, Werke*, Bd. 2. Neuwied-Berlin: Luchterhand, 1968a.
- \_\_\_\_\_. *Il Marxismo nella Coesistenza*. Trad. M. Dallos e A. Scarponi. Roma: Editori Riuniti, 1968b.
- \_\_\_\_\_. “Der grosse Oktober 1917 und die heutige Literatur [1967]”. In: GRASSI, E. *Russische Revolution*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1969a.
- \_\_\_\_\_. *Művészet és társadalom*. Válogattott esztétikai tanulmányok. Budapest: Gondolat, 1969b.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e Potere*. A cura di C. Benedetti. Roma, 1970a.
- \_\_\_\_\_. *Lênin*. Unidad e Coerenza del su Pensiero. Trad. G. D. Neri. Torino: Einaudi, 1970b.
- \_\_\_\_\_. *A konzervatív és progresszív idealismus vitája*. In: MÁRKUS, G. (Org.) *Utam Marxhoz*; Válogattott filozófiai tanulmányok. Budapest: Magverő Könyvkiadó, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Scritti Politici Giovanili 1919-1928*. Trad. P. Manganaro/N. Merker. Bari: Laterza, 1972.
- \_\_\_\_\_. “Die deutschen Intellektuellen und der Krieg”. In: *Georg Lukács*, fasc. di “Text + Kritik” n. 39-40, 1973a.
- \_\_\_\_\_. *L’Uomo e la Rivoluzione*. Roma: Editori Riuniti, 1973b.
- \_\_\_\_\_. *Schriften zur Ideologie und Politik*, hrsg. von P. Ludz. Darmstadt-Neuwied: Luchterhand, 1973c.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e Rivoluzione: saggi 1919-1921*. Roma: Newton Compton, 1975a.
- \_\_\_\_\_. Filosofia della Società e del Diritto [1915]. In: “Contemporaneo”, suplemento di *Rinascita*, 27 de julho, 1975b.
- \_\_\_\_\_. *Politische Aufsätze*, hrsg. von J. Kammler/F. Bensele. Darmstadt-Neuwied: Luchterhand, 1975-79, I.
- \_\_\_\_\_. *History and Class Consciousness*. Londres: Red Star Press, 1977.
- \_\_\_\_\_. “Autobiographie inédite” [1941?]. In: LÖWY, M. (Ed.) *Littérature, Philosophie, Marxisme 1922-1923*. Paris: Presses Universitaires de France, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Gelebtes Denken: eine Autobiographie im Dialog*. Frankfurt am Main: Ausgabe Suhrkamp Verlag, 1981a.
- \_\_\_\_\_. *Sulla povertà de spirito: Scritti 1907-1918*. Bolonha: Cappelli, 1981b.
- \_\_\_\_\_. *Briefwechsel 1902-1917*, hrsg. von É. Karádi/É. Fekete. Stuttgart: Metzler, 1982a.
- \_\_\_\_\_. *Ifjúkori művek 1902-1918*. Budapest: Magvető Kiadó, 1982b.
- \_\_\_\_\_. *Karl Mannheim und der Sonntagskreis*. Frankfurt und M.: Sandler, 1985a.
- \_\_\_\_\_. *Marx és Lênin*. Budapest: Kossuth, 1985b.
- \_\_\_\_\_. *Epistolario 1902-1917*. Trad. A. Scarponi. Roma: Editori Riuniti, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Forradalomban Cikkek, tanulmányok, 1918-1919*. Budapest: Magvető Kiadó, 1987.
- \_\_\_\_\_. “Blick zurück auf Lênin”. In: CLAUSSEN, D. (Org.) *Georg Lukács, die Oktoberrevolution und Perestroika*. Frankfurt: Luchterhand, 1990.



- \_\_\_\_\_. *Chvostismus und Dialektik* [1925]. Budapeste: Áron Verlag, 1996.
- \_\_\_\_\_. “Chvostismus und Dialektik”. *Lukács-Jahrbuch*, Bd. 3, 1998-99, pp. 119-59.
- \_\_\_\_\_. *Pensamento Vivido: Autobiografia em Diálogo*. São Paulo/Viçosa: Estudos e Edições Ad Hominem/Ed. da UFV, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Consciência de Classe e Storia*. Codismo e Diatettica. Trad. M. Maurizi. Roma: Alegre, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Arte e Sociedade: escritos estéticos 1932-1967*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Lenin: um Estudo sobre a Unidade de seu Pensamento*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.
- MARETZKY, K. “Georg Lukács als Schüler Max Webers in ‘Geschichte und Klassenbewusstsein’”. In: AHRWEILER, G. (Org.) *Lukács. Dialektik zwischen Idealismus und Proletariat*. Köhn: Pahl-Rugenstein, 1978.
- MESTERHÁZI, M. *A Messianizmus Történefilosófusa – Lukács György munkássága a húszas években*. Budapeste: MTA F ilozófiai Intézet/Lukács Archívum, 1987.
- MÉSZÁROS, I. “Lukács Concept of Dialectic”. In: PARKINSON, G. H. R. (Ed.). *Georg Lukács: The Man, his Work and his Ideas*. Nova York: Vintage Books, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Lukács Concept of Dialectic*. Londres: The Merlin Press, 1972.
- MOLNÁR, M. *From Béla Kun to János Kádár*. Londres: Berg Publishers, 1992.
- OLDRINI, Guido (Org.). *Lukács*. Milano: Isedi-Mondadori, 1979.
- \_\_\_\_\_. Lukács fichtiano? *Giornale critico della filosofia italiana*, LXXII, 1993.
- \_\_\_\_\_. *György Lukács e il Problemi del Marxismo nel Novecento*. Nápoles: Edizioni Città del Sole, 2009.
- PROTOKOLL V Congresso da Internacional Comunista. *Geschichte und Klassenbewusstsein heute*. Diskussion und Dokumentation, de Amsterdam: Munter, 1971.
- ROCKMORE, T. Fichte, Lask and Lukács’ Hegelian Marxism, *Journal of the History of Philosophy*, XXX, 1922.
- \_\_\_\_\_. *Irrationalismus: Lukács and the Marxist View of Reason*. Filadélfia: Temple University Press, 1992.
- \_\_\_\_\_. Fichte und Lukács’s Hegel-Marxismys, *Hegel-Jahrbuch 1995*. Berlim: Akademie-Verlag, 1996.
- SOCHOR, L. “Lukács e Korsch: la Discussione Filosofica degli Anni Venti”. In: *Storia del marxismo* III, 1. Turim: Einaudi, 1978-82.
- STEIGERWALD, R. “Aspekte der bundesdeutschen Lukács-Rezeption”. In: *Geschichtlichkeit und Aktualität*. Beiträge zum Werk und Wirken von Georg Lukács, hrsg. von M. Buhr/J. Lukács. Berlim: Akademie-Verlag, 1987.
- SZERDAHELYI, I. (Org.). *Lukács György és a magyar kultúra*. Budapeste: Kossuth, 1982.
- TÖKES, R. L. *Béla Kun and the Hungarian Soviet Republic: The Origins and Role of the Communist Party of Hungary in the Revolutions of 1918-1919*. Nova York/Washington/Londres: Praeger/Paul Mall Press, 1967.
- TROELTSCH, Ernst. *Der Historismus und seine Probleme (Gesammelte Schriften, Bd. 3)*. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1922, I.
- \_\_\_\_\_. *Lo Storicismo e i suoi Problemi I*. Trad. G. Cantillo/f. Tessitore. Nápoles: Guida, 1985-93.
- VVAA. *Hungarian Studies on G. Lukács*. Budapeste: Akadémiai Kiadó, 1993.
- ZSUFRA, J. *Béla Balázs: The Man and the Artist*. Berkely/Los Angeles/Londres: University of California Press, 1987.

## Notas biográficas\*\*\*\*

**ADY, Endre** (1877-1919), poeta lírico húngaro, grande pioneiro da literatura húngara moderna, sendo por isso considerado o introdutor das vanguardas na Hungria.

**ANTAL, Frederik** (1887-1954), historiador da arte de orientação sociológica. Era de ascendência húngara. Doutorou-se com Dvorak em Viena. Após a queda da República dos Conselhos, emigrou em 1919 para Munique, de lá para Londres em 1933, onde lecionou na universidade.

**BABITS, Mihály** (1883-1941), poeta lírico, importante colaborador e, mais tarde, redator da revista *Nyugat*, fundada em 1908. Apesar de ter sido principal expoente da corrente *L'art pour l'art*, colocou-se firmemente, em fins dos anos 30, contra a indiferença política dos poetas.

**BALÁZS, Béla** (pseudônimo de Herbert Bauer) (1884-1949), escritor húngaro, teórico do cinema e roteirista. Aderiu à República dos Conselhos húngara, teve de emigrar após 1919, viveu em Viena, Berlim e na União Soviética.

**BARTÓK, Béla** (1881-1945), compositor húngaro mundialmente conhecido. De 1907 a 1934 foi professor de piano na Escola Superior de Música de Budapeste. Emigrou para os EUA em 1940.

**DEBORIN** (pseudônimo de Joffe Abram Moisseievitch) (1881-1962), filósofo soviético, redator-chefe da revista *Sob a Bandeira do Marxismo* de 1926 a 1930.

**DÉRY, Tibor** (1894-1979), seu nome está ligado às criações mais significativas da prosa húngara. Participou dos preparativos da revolução de 1956, condenado a vários anos de prisão em 1957, anistiado em 1960.

**FOGARASI, Béla** (1891-1959), filósofo marxista húngaro. Importante comissário da Cultura na República dos Conselhos. De 1930 a 1945 foi professor na União Soviética; a partir de 1945, professor de filosofia na Universidade de Budapeste; e, em 1953, reitor do Instituto Econômico de Budapeste.

**GÁBOR, Andor** (1884-1953), escritor satírico e publicista húngaro. Após 1919 emigrou para Viena e Berlim. Coeditor do *Links-kurve*, a partir de 1933 tem estada em Moscou. Redator-chefe da revista satírica *Ludas Matyi* em Budapeste.

**HORTHY, Miklós** (1868-1957), político, contra-almirante. Em 1919, apoiado pela Entente, pôs em combate tropas contrarrevolucionárias contra a República Húngara dos Conselhos, que subjugou sangrentamente. Em 1920 foi regente. Em 1944, após o golpe de Pfeilkruetzler, foi substituído. As potências ocidentais o prenderam na Baviera como criminoso de guerra, mas não o entregaram ao governo húngaro.

**JÁSZI, Oszkár** (1875-1957), teórico do radicalismo burguês húngaro. Importante redator dos radicais húngaros por volta de 1912. Aliado de Ady. Publicou a revista *Huszadik Század [Século Vinte]*, que, após a queda do regime democrático burguês em 1919, não pôde mais ser publicada. Viveu primeiro no exílio em Viena, mais tarde nos EUA.

**KÁROLYI, Mihály, Conde** (1875-1959), político liberal, mais tarde socialista. Antes de 1919 foi um dos latifundiários mais poderosos da Hungria. Durante a Primeira Guerra Mundial foi líder do Partido Independente. Pacifista e de orientação anglo-francesa. Em fins de outubro de 1918, após o início da revolução burguesa, foi primeiro-ministro e, em novembro, presidente da República. De 1919 a 1946 ficou exilado em Paris e Londres. De 1947 a 1949 foi embaixador húngaro em Paris. Durante o processo Rajk demitiu-se e foi, pela segunda vez, para o exílio. Passou os últimos anos de vida no sul da França.

**KASSÁK, Lajos** (1887-1967), poeta lírico, escritor e pintor húngaro; importante representante das tendências vanguardistas da literatura húngara. Durante a Primeira Guerra Mundial foi redator das revistas húngaras de ativismo e futurismo *Tett* (Ação) e *Ma* (Hoje). Durante a revolução de 1919 participou da condução da vida cultural, mas, nas questões de princípio da literatura influenciada pelo Partido, entrou em conflito com Béla Kun, que estava à testa da República dos Conselhos. Foi

---

\*\*\*\* Extraídas principalmente das “Notas biográficas” de Lukács (1999).

preso durante a contrarrevolução, mas logo foi solto e fugiu para Viena, onde desempenhou importante papel nas atividades dos emigrados. Nos anos 20 deu início a suas atividades como artista gráfico. Fez “arquiteturas de imagens” não figurativas e construtivas e também colagens.

**KERNSTOK, Károly** (1873-1940), pintor húngaro, mestre da vanguarda húngara. Foi cofundador do grupo progressista dos “Otto”, de preocupações artísticas e sociais. Participou ativamente da República dos Conselhos, depois viveu até 1925 na Alemanha, onde sofreu influência do expressionismo.

**KODÁLY, Zoltán** (1873-1940), compositor, sendo junto com Bartók, o representante mais importante da moderna música húngara. Como pesquisador da música popular, coletou antigas canções populares húngaras, que mais tarde foram publicadas em vários volumes pela Academia de Ciência. Também era professor de música e foi graças a ele que, na Hungria, as aulas de música nas escolas se tornaram parte importante da educação. Foi professor da Escola Superior de Música da Hungria.

**KUN, Béla** (1886-1939), político comunista. Em 1919 foi líder da República Húngara dos Conselhos. Ficou exilado em Viena, e a seguir, na União Soviética, onde desempenhou diferentes funções dentro do Partido. Foi executado durante os grandes expurgos stalinistas.

**LANDLER, Jenő** (1875-1928), revolucionário húngaro. Primeiro, foi socialdemocrata de esquerda e líder da União Húngara dos Ferroviários; em novembro de 1918 tornou-se membro do conselho nacional; durante a República Húngara dos Conselhos foi comissário do povo do Interior, e, mais tarde, chefe do Exército Vermelho húngaro. Após a queda da República dos Conselhos, emigrou, tornou-se membro do PC húngaro. A partir de 1919 foi membro do Comitê Central e dirigiu a PC húngaro ilegal na emigração, onde dirigiu a chamada fração Landler contra Kun,

**LESZNAI, Anna** (1885-1966), foi uma escritora, pintora e artista húngara. Passou grande parte de sua vida na emigração. Equilibrou as influências da *art nouveau* e do simbolismo com certo classicismo.

**RÉVAI, József** (1898- 1959), político, publicista, crítico literário e ideólogo comunista. Permaneceu no exílio entre as duas guerras mundiais, vivendo, por fim, na União Soviética. Em 1945 voltou para a Hungria e fez parte da cúpula dirigente do PC. Foi redator-chefe do órgão do partido *Szabad Nép*, de 1949 a 1953 ministro da Cultura.

**RUDAS, László** (1885-1950), político e publicista húngaro, co-fundador do PC húngaro e, durante a República dos Conselhos, redator-chefe de seu órgão central, o *Jornal Vermelho*. Depois disso emigrou. Na União Soviética lecionou na Escola Superior da Internacional Comunista e, durante a Segunda Guerra Mundial, na Escola Antifascista Internacional. Em 1944 voltou para a Hungria, tornou-se diretor da Escola Superior do Partido no Comitê Central do Partido e, mais tarde, da Escola Superior de Ciências Econômicas. Em 1949 iniciou *O Debate Lukács* (para Lukács, “*Debate Rudas?*”).

**SAVINKOV, Boris Viktorovitch** (1879-1925) foi um revolucionário e escritor russo. Durante a Revolução Russa de 1905 foi um dos dirigentes da Organização de Combate da Brigada Terrorista do Partido Socialista Revolucionário. Nos anos de 1904 e 1905, foi responsável por inúmeros assassinatos de funcionários do Estado e arquiteto do atentado contra o ministro do Interior Viatcheslav Plehve [1904].

**SZABÓ, Ervin** (1877-1918) foi um cientista social húngaro, bibliotecário e anarcossindicalista revolucionário.

**ZINOVIEV, Gregori S.** (1883-1936), em 1901 tornou-se social-democrata e, em 1903, bolchevique. Estudou até 1905 em Berna. Trabalhou com Lênin (*Zimmerwald, Kiental*). De 1917 a 1927 foi membro do Politburo, de 1916 a 1926, presidente do Comitê Executivo do *Comintern*. Após a Revolução de Outubro tornou-se presidente do Soviete de Leningrado. Durante a doença de Lênin e após a morte deste dirigiu o partido com Kamenev e Stalin (Troika). Em 1925 passou para a oposição a Stalin e formou com Trotsky a “oposição unida de esquerda”. Em 1927 foi expulso do Partido, em 1935, condenado a dez anos de prisão e, em 1936, no primeiro processo público de Moscou, acusado e executado.